

## OS RUMOS DA ARQUEOLOGIA: CONTRASTES TEÓRICOS NA ARQUEOLOGIA DE HOJE

Milton L. Torres\*

Como McGuire acertadamente afirmou, a oposição entre ciência e humanismo obscurece as posições alternativas.<sup>1</sup> A *arqueologia pós-processual*, seja ela chamada de hermenêutica, crítica ou pós-estruturalista, não corporifica todas as formas de reação ao cientificismo da Nova Arqueologia de Binford. Também existem *alternativas não-processuais*, como, por exemplo, a *arqueologia neo-marxista* e a *arqueologia feminista*. Todas as três vertentes (isto é, *arqueologia processual*, *pós-processual* e *não-processual*) têm contribuído muitíssimo para o desenvolvimento da arqueologia como ciência, especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Meu objetivo, aqui, é demonstrar como a teoria arqueológica se tem beneficiado contínua e grandemente dos contrastes percebidos entre essas três posições teóricas tão distintas.

Na atual conjuntura, os arqueólogos dos Estados Unidos e da Inglaterra não parecem inclinados a rejeitar as conquistas dos últimos quarenta anos da arqueologia como disciplina.<sup>2</sup> Não obstante, tais arqueólogos parecem desiludidos com alguns dos postulados básicos da *arqueologia processual*. Com efeito, o evolucionismo e o positivismo lhes falharam como sistemas teóricos.

A arqueologia processual bem como o neo-evolucionismo, o estruturalismo, o materialismo cultural e a ecologia cultural estão sendo rejeitados porque indevidamente reificam a estabilidade, tratam as

---

\* Milton L. Torres é doutorando em Línguas Clássicas, no Texas-EUA.

<sup>1</sup> Randal McGuire, *A Marxist Archaeology* (San Diego: Academic Press, 1992), 1ff.

<sup>2</sup> Cf. Bruce G. Trigger, *A History of Archaeological Thought* (Cambridge: Cambridge University Press, 1989).

## 28 Os Rumos da Arqueologia: Contrastes na Arqueologia de Hoje

causas das mudanças sociais como sendo externas às relações sociais e consideram os seres humanos como objetos passivos que são moldados por fatores externos.<sup>1</sup>

Além disso, os *arqueólogos pós-processuais e não-processuais* estão, cada vez mais, descartando a idéia *processual* de que apenas os traços culturais que persistem “cross-culturalmente” merecem ser estudados. Eles estão tentando compreender as seqüências particulares de desenvolvimento em sua complexidade histórica, e abandonam, agora, a sugestão de que a predição é a única forma de explicação. Finalmente, os *teóricos pós-processuais e não-processuais* chegaram à conclusão de que fazer do registro arqueológico o objetivo da ciência arqueológica é um equívoco.<sup>2</sup>

O movimento da Nova Arqueologia ajudou a arqueologia a despertar de seu assim-chamado “sono prolongado”,<sup>3</sup> um período em que os objetivos, procedimentos e natureza da arqueologia como disciplina que investiga o passado, eram raramente discutidos de forma explícita. Tal movimento proporcionou o desenvolvimento de uma ampla literatura voltada para os aspectos teóricos, o que contribuiu para a emergência de uma intensa consciência disciplinar e para a eliminação da explícita subjetividade intra-comunitária que assolava a disciplina. Contudo, o *processualismo* da Nova Arqueologia perdeu o seu ímpeto: nunca foi capaz de superar uma falha generalizada na formulação de quaisquer leis que passassem do trivial; nunca levou em consideração o processo de teorização e, sobretudo, aderiu excessivamente ao mito da objetividade.

A transição da *arqueologia processual* para o *pós-processualismo* ou para o *não-processualismo* tem sido lenta, mas constante. Essa transição tem incluído a superação de muitas alternativas processuais

---

<sup>1</sup>Trigger, 340-1.

<sup>2</sup>Cf. Michael Shanks & Christopher Tilley, *Re-constructing Archaeology: Theory and Practice*, 2a. edição (London: Routledge, 1992).

<sup>3</sup>A. C. Renfrew, “Explanation revisited” in C. Renfrew, M. Rowlands and B. Segraves (eds.), *Theory and Explanation in Archaeology: The Southampton Conference* (New York: Academic Press, 1982).

que competiam com a Nova Arqueologia ou buscavam aperfeiçoá-la, tais como a *Teoria dos Sistemas* (de Renfrew),<sup>1</sup> a *Teoria da Evolução Cultural* (de Flannery),<sup>2</sup> a *Arqueologia Matemática* (de Renfrew e Cook),<sup>3</sup> a *Arqueologia Logística* (de Jarman e Bailey),<sup>4</sup> entre outras. Tal redirecionamento prescindiu do estilo de confronto que deu à luz a Nova Arqueologia.<sup>5</sup> Naturalmente, isso não significa que Binford não tenha reagido ao *pós-processualismo*. De acordo com McGuire, ele “defendeu a Nova Arqueologia contra os males gêmeos do *reconstrutivismo* e do *relativismo*”.<sup>6</sup>

As alternativas propostas recentemente na direção de uma arqueologia mais prática têm soado menos dogmáticas do que aquelas sugeridas pelos adeptos da Nova Arqueologia. Os *arqueólogos pós-processuais* têm sido tão simpáticos à diversidade e ao diálogo que eles têm sido, às vezes, acusados de ecletismo pernicioso e “bricolage”, de serem confusos e contraditórios, de serem nihilistas e relativistas.<sup>7</sup> Com efeito, os arqueólogos partiram de um ponto-de-vista segundo o qual a metodologia seria supostamente o elemento mais importante da arqueologia como disciplina (a Nova Arqueologia de

---

<sup>1</sup>A. C. Renfrew, *The Emergence of Civilisation: The Cyclades and the Aegean in the Third Millennium B.C.* (Methuen, 1972).

<sup>2</sup>K. Flannery, “The cultural evolution of civilizations,” *Annual Review of Ecology and Systematics* 3 (1972) 399-426.

<sup>3</sup>A. C. Renfrew e K. Cook (eds.), *Transformations: Mathematical Approaches to Culture Change* (New York: Academic Press, 1979).

<sup>4</sup>M. Jarman, G. Bailey e H. Jarman (eds.), *Early European Agriculture* (Cambridge: Cambridge University Press, 1982).

<sup>5</sup>De acordo com Trigger (p. 369), “se uma mudança brusca e radical [semelhante àquela] não ocorre hoje é porque, pelo menos em parte, os arqueólogos aprenderam, com a própria experiência, acerca da improdutividade dessas visões dicotômicas e extremas do comportamento humano”.

<sup>6</sup>McGuire, 145.

<sup>7</sup>Cf. Richard Watson, “Ozymandias, King of Kings: Postprocessual radical archaeology as critique,” *American Antiquity* 55.4 (1990) 673-89. Veja-se, também: Ian Hodder, *Theory and Practice in Archaeology* (London: Routledge, 1992).

## 30 Os Rumos da Arqueologia: Contrastes na Arqueologia de Hoje

Binford), passaram para a posição oposta que advogava menos epistemologia e mais prática,<sup>1</sup> e chegaram ao ponto de equilíbrio no qual tanto a teoria quanto a prática ocupam lugar de destaque.<sup>2</sup> É precisamente esta recente abertura a uma salutar tensão entre prática e teoria que tem sido tão essencial para o progresso da arqueologia como disciplina: “relacionar teorias à prática as abre potencialmente à reflexão e à avaliação da *práxis* arqueológica”.<sup>3</sup>

Essa rejeição de uma metodologia unificada na arqueologia se tornou um importante desenvolvimento, pois possibilitou que arqueólogos superassem o abismo que supostamente separa o passado objetivo do presente subjetivo. Essa crítica das antinomias patológicas abriu o caminho para que os arqueólogos compreendessem que uma certa tensão teórica é benéfica para sua disciplina. Muitos eruditos advogam, agora, uma filosofia arqueológica aberta que veja a interpretação como dependente de um espiral hermenêutico.<sup>4</sup> De acordo com eles, a natureza do conhecimento arqueológico é relativa à situação sob investigação e pressupõe um movimento dialético de vai-e-vem entre as partes e o todo.

Dentre as *correntes não-processuais*, a Arqueologia Marxista tem sido muito importante para o desenvolvimento de tais dialéticas dentro da disciplina. Após um período inicial em que o Marxismo foi usado apenas implicitamente pelos arqueólogos dos Estados Unidos e da Inglaterra (1945-1960), o Neo-Marxismo passou a desempenhar um papel de magnitude na proposta de alternativas à *arqueologia processual*, pois influenciou várias *abordagens pós-processuais* e *não-processuais*, tais como a *Arqueologia Social* (de Shanks e Tilley), a *Abordagem Político-Antropológica* (de McGuire), a *Abordagem Contextual* (de Hodder), entre outras.

---

<sup>1</sup>Esta foi, por exemplo, a posição de Shanks e Tilley (cf. Shanks & Tilley, p. xviii).

<sup>2</sup>Esta é, por exemplo, a posição de Ian Hodder (cf. Hodder, 6).

<sup>3</sup>Hodder, 5.

<sup>4</sup>Cf. Shanks & Tilley, 103.

As *abordagens neo-marxistas*, que têm por base uma tradição que é maior do que Marx, salientam que as relações sociais devem fazer parte intrínseca da pesquisa arqueológica. Tais abordagens buscam uma aproximação holista aos problemas arqueológicos e vêem a contradição e o conflito como aspectos vitais da sociedade humana. Através de uma visão da história centrada na pessoa humana, entende-se que o conhecimento não é um mero reflexo da realidade passada. Como resultado, os neo-marxistas têm contribuído para a criação de uma arqueologia que não é tão vulnerável à fragmentação teórica e que não está tão interessada em fazer predições quanto em prognósticos bem negociados.

Os pressupostos básicos da arqueologia *neo-marxista* incluem sua ênfase nas contradições, sua rejeição do atomismo, relativismo e reducionismo, seu senso não-causal de determinação e seu prognóstico dialético.<sup>1</sup> A Arqueologia Marxista tem-se tornado tão vital para o contínuo desenvolvimento da teoria arqueológica porque dispõe de um poderoso mecanismo para a formação de teorias: a dialética. Tal aparato teórico possibilita que arqueólogos utilizem todos os desenvolvimentos teóricos prévios de maneira construtiva. Destarte, a adoção de uma visão dialética da mudança social não requer que os arqueólogos prescindam de todas as preocupações ou questionamentos empíricos suscitados por discussões anteriores. Pelo contrário, a dialética capacita os arqueólogos a construir mais interpretações plausíveis que levam estas e outras preocupações em consideração.

As *abordagens pós-processuais e não-processuais* ganharam destaque justamente quando a arqueologia estava prestes a toscanejar de novo. A ênfase de Binford em “teorias de alcance médio” havia transformado o salutar interesse da Nova Arqueologia pela teorização na insustentável pressuposição de que teoria e metodologia seriam uma só e a mesma coisa. Graças às alternativas proporcionadas pelas *abordagens pós-processuais e*

---

<sup>1</sup>Cf. McGuire, 122, 145-6.

## 32 Os Rumos da Arqueologia: Contrastes na Arqueologia de Hoje

*não-processuais*, a arqueologia tem sido capaz de transcender a “grande divisória” entre prática e teoria,<sup>1</sup> e está a caminho de se tornar *práxis*, isto é uma prática informada pela teoria. Haverá menos ênfase em fatores especificamente tecnológicos e ecológicos, e mais atenção para as relações econômicas mais amplas, conforme a previsão de Trigger.<sup>2</sup> Não podemos prever o passado, mas podemos interpretá-lo ao usar o conhecimento que temos do simbolismo e das ideologias de nossa própria época.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup>Também têm ajudado arqueólogos a transcender a divisória que separava antropólogos e arqueólogos dos profissionais das demais ciências sociais. De acordo com McGuire (p. 161), “a grande divisória definia um assunto único para um investigador único e, ao fazer isso, legitimava e perpetuava uma visão atomística e evolucionária do mundo”.

<sup>2</sup>Trigger, 368.

<sup>3</sup>Cf. Hodder, 29.